

A formação de leitores via transposição didática em quadrinhos: a obra literária “O Quinze” de Rachel de Queiroz

Training readers through didactic transposition in comic books: the literary work “O Quinze” by Rachel de Queiroz

Artenizia Leonel Dias¹, Gustavo Cunha de Araújo²

RESUMO: Tem como objetivo compreender o processo de alfabetização, letramento e formação de leitores na perspectiva da transposição didática da literatura clássica em história em quadrinhos para os alunos do 1º ano do Ensino Fundamental. Adotamos a abordagem qualitativa, do tipo pesquisa-ação, tendo como participantes crianças de uma turma de educação infantil. As atividades relacionadas com a obra clássica “O Quinze” nos proporcionaram compreender que o processo de letramento foi bem percebido durante a realização das atividades. Esse processo foi significativo para que as crianças ampliassem o seu conhecimento de mundo.

PALAVRAS-CHAVE: História em Quadrinhos; Letramento; Literatura.

ABSTRACT: It aims to understand the process of literacy, literacy and formation of readers in the perspective of the didactic transposition of classic literature into comic books for students in the 1st year of elementary school. We adopted the qualitative approach, of the research-action type, having as participants children from a kindergarten class. The activities related to the classic work “O Quinze” allowed us to understand that the literacy process was well perceived during the activities. This process was significant for the children to expand their knowledge of the world.

KEYWORDS: Comic Books; Literacy; Literature.

INTRODUÇÃO

A Transposição Didática surgiu a partir dos estudos de Yves Chevallard, conforme registro em seu livro *La Transposition Didatique* (1985). Nesta obra o autor mostra que a transposição

¹ Mestra em Educação pelo PPPGE/UFT. Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Tocantins. Atualmente é professora da rede municipal de Ensino de Palmas - TO. E-mail: artenzia@mail.uft.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-7852-0669>

² Gustavo Cunha de Araújo Doutor em Educação pela UNESP. Professor da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Docente vinculado ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação (PPPGE/UFT) e ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Artes (ProfArtes/UFU). Bolsista de Produtividade em Pesquisa CNPq PQ-2. E-mail: gustavocaraujo@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1996-5959>

didática resulta da transformação de um conhecimento científico para um saber a ser ensinado na escola. Além disso, conforme esse mesmo teórico, a construção da teoria da transposição didática iniciou-se com estudos na área da didática da matemática.

O autor afirma, ainda, que um conteúdo científico que tenha sido definido como saber a se ensinar na educação escolar sofre, a partir de então, um conjunto de transformações adaptativas que irão torná-lo apto a ocupar um lugar entre os objetos de ensino. Nesse sentido, o ‘trabalho’ que faz de um objeto de saber a ensinar, um objeto de ensino, é chamado de transposição didática (CHEVALLARD, 1991, p. 39).

Observamos, a partir da vivência de um dos autores deste artigo na educação básica, a pertinência dos fundamentos da transposição didática no que se refere aos conteúdos escolares advindos do conhecimento científico produzido pelas diversas áreas do conhecimento. No entanto, quando tratamos do processo de alfabetização de crianças, a lógica da transposição didática apresenta nuances mais complexas. Diante disso, caberá ao professor conhecer a produção científica acerca dos processos de aquisição da leitura e da escrita, portanto da alfabetização, e transformá-lo em saber escolar? Como torná-lo didático? E, em especial, com o uso da literatura clássica?

As séries iniciais do ensino fundamental marcam, de fato, o início do processo de escolarização da pessoa, isto é, a fase da infância. Isso posto, observemos como todo o universo dos conteúdos escolares é muito novo para as crianças, pois, exigir-se-á que o professor contextualize o conhecimento acerca do desenvolvimento de competências e habilidades, ou seja, dar significado ao saber escolar a ser utilizado como ferramenta no processo de alfabetização.

Na prática pedagógica de um dos autores desta pesquisa, temos vivenciado o quanto a ludicidade está presente nas atividades de leitura. Ler para as crianças tem sido uma boa estratégia de ensino, pois elas acolhem como uma atividade prazerosa e lúdica. Conforme Brougère (2002), é importante entender que essa ludicidade precisa estar relacionada às questões que envolvem o contexto do indivíduo, e nas ações que são desenvolvidas com ele, como, por exemplo, em atividades literárias com histórias em quadrinhos.

Porém, sabemos que a aquisição do conhecimento não é linear. Ao ensinarmos estamos utilizando conceitos, experiências e linguagem com o objetivo de promover o desenvolvimento cognitivo do aluno. Desse modo, observamos o quanto a literatura pode fazer parte da construção de objetos autônomos com estrutura e significado.

A esse respeito, Candido (2011) afirma que a literatura é uma forma de expressão, manifesta as emoções e a visão de mundo dos indivíduos e grupos sociais. Sendo, pois, uma forma de conhecimento difusa e inconsciente, a produção literária tira as palavras do nada e as dispõe como um todo articulado. Ao mesmo tempo em que ensina, também humaniza o ser humano. Com efeito,

a literatura nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade e o semelhante, afirma o autor citado.

A proposição desta pesquisa se justifica, pois, em face de necessária investigação e compreensão dos estudos acerca da transposição didática em literatura clássica com crianças, a partir das histórias em quadrinhos. O vivenciado por um dos autores deste estudo corrobora que pode ser um diferencial no trabalho pedagógico, ao ampliar as possibilidades didáticas do uso de literatura clássica nos processos de alfabetização das crianças, de modo a envolver, inclusive, as famílias num processo formativo.

Nesse sentido, utilizar a literatura clássica em histórias em quadrinhos pode fazer com que esses alunos tenham mais interesse pela leitura e, conseqüentemente, pelo conteúdo abordado em sala de aula, uma vez que as histórias em quadrinhos utilizam de uma linguagem simples, que une palavras e desenhos, além de outros elementos específicos como as onomatopeias, balões entre outros, importantes para chamar mais a atenção das crianças para as histórias apresentadas na literatura clássica em quadrinhos.

Temos que fazer do ambiente escolar um local que fomente a formação humana, no qual as atividades coletivas sejam de formação social e que a escola seja um local no qual os conhecimentos científicos estejam a serviço da construção do conhecimento significativo. Ao considerar a escola como agência de letramento, estamos reafirmando esse espaço como fundamental para a transformação e desenvolvimento das práticas de leitura e escrita dos indivíduos (MORAES, 1999).

Nesse sentido, a pesquisa, originada a partir de uma dissertação de mestrado em educação, tem como objetivo principal compreender o processo de alfabetização, letramento e formação de leitores na perspectiva da transposição didática da literatura clássica em história em quadrinhos para os alunos do 1º ano do Ensino Fundamental, tendo como foco a obra literária “O Quinze” de Rachel de Queiroz.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia utilizada para a realização desta pesquisa segue uma abordagem qualitativa. Buscamos construir uma reflexão acerca do trabalho pedagógico numa turma do 1º Ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal de Tempo Integral localizada na cidade de Palmas, Tocantins. De modo a apreender a transposição didática na alfabetização com o suporte da literatura clássica, escolhemos como participantes da pesquisa professores e alunos dessa turma. Procuramos, assim,

por meio da abordagem qualitativa, verificar como o problema da pesquisa se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas da escola (LÜDKE; ANDRÉ, 2013).

Dentro da natureza da pesquisa qualitativa, utilizamos a pesquisa-ação com formato participativo, pois esse tipo de investigação, de acordo com Estebam (2010) é concebida como um processo de análise orientado a facilitar a transformação social. Desse modo, a pesquisa participativa gera um processo sistemático para determinar que a comunidade investigada possa chegar a um conhecimento mais profundo de seus problemas e tratar de solucioná-los, envolvendo toda a comunidade no seu processo (BARTOLOMÉ; ACOSTA, 1992). Nesse modelo de pesquisa, os pesquisadores se inseriram na investigação, sendo, portanto, colaboradores, organizadores, informantes e interlocutores da pesquisa. Diante disto, como característica da pesquisa-ação, algumas experienciais pessoais, sociais e culturais da pesquisadora também podem interferir nos desdobramentos da pesquisa.

Instrumentos de coleta de dados

Como instrumentos de pesquisa utilizamos entrevistas estruturadas e semi-estruturadas, bem como relatos orais narrados pelos alunos durante as aulas, e leitura das obras: O Quinze de Rachel de Queiróz e Os Miseráveis de Victor Hugo, feitos a partir de perguntas da professora pesquisadora (uma das autoras deste artigo), realizados a partir de cada proposta didática como a leitura das obras realizadas por partes pela professora pesquisadora; leitura feita pelos alunos, visual e interpretativa, individual e coletiva das histórias, das obras selecionadas em HQs; atividades de leitura e escrita a partir dos textos lidos; reconstrução das histórias pelas crianças, através da linguagem oral e artística. Contudo, considerando a extensão deste artigo, focamos as discussões e análises acerca da obra O Quinze de Rachel de Queiróz, e de alguns relatos dos discentes participantes deste estudo.

As obras utilizadas como objetos da pesquisa no Mestrado em Educação, foram os clássicos da literatura em história em quadrinhos (HQs), acima citados, escolhidas por apresentarem diversas propostas de tema para estudo e aprendizagem com a turma pesquisada.

Contudo, para este artigo, abordaremos a obra O Quinze, que é um romance da escritora brasileira Rachel de Queiróz, lançado pela primeira vez em 1930. O livro se refere à seca ocorrida no nordeste do país em 1915, vivida pela autora. O romance apresenta alguns temas, como desigualdades sociais, problemas resultantes da seca, como a fome e a migração, coronelismo, regionalismo, segregação, morte e esperança.

Local de realização da pesquisa

A pesquisa³ foi realizada em uma escola municipal de Tempo Integral na cidade de Palmas, Tocantins, sendo a primeira escola de tempo integral dessa cidade. Atualmente a escola atende cerca de 1200 alunos em atendimento integral, especialmente alunos moradores da zona norte da cidade de Palmas, onde as crianças permanecem nove horas na unidade educacional.

Participantes da pesquisa

Os participantes da pesquisa foram os alunos de uma das turmas da escola pesquisada. A turma foi escolhida por serem alunos que iniciaram os seus processos de alfabetização. Além disso, a professora pesquisadora também fez parte deste estudo, que por ser uma pesquisa-ação, foi conduzida a participar de todas as ações deste estudo. Ao todo foram 26 alunos, do 1º Ano do Ensino Fundamental, com faixa etária de seis anos. Os critérios de participação na pesquisa foram alunos com frequência mínima de 70% nas aulas e os pais autorizarem via termo TALE (Termo de Assentimento Livre e Esclarecido) a participação dos discentes nesta pesquisa de mestrado. Consequentemente, os critérios de exclusão foram os alunos que não obtiverem frequência mínima de 70% das aulas e/ou os pais que não autorizaram as suas participações no estudo, a partir do TALE.

Forma de análises dos dados

A coleta de dados, na qual a pesquisadora foi também o participante, implicou numa análise dos dados pela pesquisa interpretativa. Já que esta é a base do trabalho interpretativo e qualitativo. Definindo de maneira mais clara, a forma de análises dos dados deste estudo, seguiu a Pesquisa Interpretativa, pois envolve todos dos elementos já mencionados. Segundo Erickson (1985, p. 78):

A tarefa central da pesquisa interpretativa e observação participante sobre o ensino é permitir pesquisadores se tornarem mais específicos na sua compreensão da variação inerente que ocorre em cada sala de aula. Isso significa construir melhor teorias sociais e cognitivas sobre a vida nesse espaço escolar e o aprendizado ali construído.

A pesquisa interpretativa nos possibilitou utilizar diversas matrizes teóricas, por isso, não se tem definida apenas uma única linha teórica para o estudo e análise dos dados gerados na pesquisa. Dito com outras palavras, os dados foram analisados segundo a perspectiva da pesquisa

³ Faz parte de um projeto maior aprovado pelo CEP: CAEE: 38156620.8.0000.5519.

interpretativa, de Erickson (1985). Nesse sentido, buscamos responder as seguintes questões, conforme esse método, proposto pelo autor: i) o que ocorre nas ações desenvolvidas na escola pesquisada? ii) como essas ações envolvem a docente pesquisadora e estudantes da educação infantil? iii) o que ocorre na escola/turma pesquisada é diferente do que acontecem em outras instituições escolares?

Categoria de análise dos dados

Especificamente para este artigo, foi extraída a seguinte categoria, a partir das entrevistas realizadas com a turma de educação infantil, e das informações obtidas a partir da transposição didática desenvolvida com as crianças a respeito da leitura verbal e visual da obra literária em histórias em quadrinhos: O Quinze de Rachel de Queiróz.

a) Aspectos sociais, culturais e da existência humana via letramento literário: a obra O Quinze de Rachel de Queiroz.

Dito isso, pretendemos, portanto, descrever as ações desenvolvidas durante a pesquisa de campo, em consonância com os dados obtidos via entrevistas com as crianças e das atividades de leitura e escrita elaboradas com elas, uma vez que buscamos descrever, sistematizar e interpretar as ações ocorridas no campo de investigação, importante para compreender o ambiente da sala de aula onde ocorreu o estudo e, partir disso, elaborar melhor teorias e conhecimentos produzidos nesse espaço de aprendizado (ERICKSON, 1985).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

É importante assinalar que para atender aos princípios éticos da pesquisa com seres humanos e envolvendo menores de idade, utilizamos códigos para designar os participantes, sendo mencionados neste estudo da seguinte forma: A1 (referente a aluno 1), A2 (referente a aluno 2) e assim respectivamente para os demais. E professor 1 (referente ao professor 1). Professora 2 (referente a professora 2).

A obra foi escolhida levando em consideração, principalmente, a narrativa que contemplese a curiosidade e o interesse dos alunos pela história, além da qualidade estética e que favorecessem o letramento literário. Na obra analisada, identificamos, por exemplo, comportamentos sociais e aspectos culturais de cada época abordada em suas narrativas.

Aspectos sociais, culturais e da existência humana via letramento literário: a obra O Quinze de Rachel de Queiroz

Antes de iniciarmos a leitura da obra, que ocorreu no mês de maio de 2022, todos os dias das aulas a professora contava uma história infantil, pois, como as crianças estavam iniciando em uma nova etapa da educação, visto que era o momento de transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, a docente entendeu ser importante que elas se sentissem em segurança e se adaptassem, já que a escola pesquisada é de tempo integral. Na escola de tempo integral a jornada dos alunos é ampliada, pois as crianças pequenas, que vêm de escolas de Educação Infantil, se deparam muito com a ludicidade, presente em práticas pedagógicas desenvolvidas com jogos (HUIZINGA, 2001).

As crianças sentem no início dessa nova rotina escolar certo desconforto de adaptação, especialmente esse horário estendido, pois passam nove horas na unidade escolar. Ou seja, se deparam com uma realidade diferente, uma vez que as suas atividades anteriormente eram mais lúdicas, como mencionado nesta pesquisa. Desse modo, começam a ter disciplinas específicas e um número maior de professores. Por isso, há essa ideia na qual alguns professores até dizem, como já presenciei, de que antes eles “brincavam e agora é o momento de estudar sério”, isto é: “brincavam e agora era o momento de estudar sério”.

Na seleção dos conteúdos que seriam trabalhados a partir das narrativas, partimos de Chevallard (1991), ao nos apresentar as ideias da Transposição Didática, que são o conjunto de saberes a serem ensinados, mas que sofrem transformações para se tornarem ensináveis na escola. Para ensinar os mais variados temas selecionados no trabalho com as crianças, buscamos fazer essa transposição de teorias mais complexas em um conhecimento que fosse assimilado e significativo para o aluno, tendo nas histórias em quadrinhos um meio interessante e adequado para efetivar esse processo. Por meio da contextualização e recontextualização dos conteúdos pelas obras literárias, buscamos tornar esses saberes compreendidos pelos alunos, priorizando sempre o contexto histórico-cultural deles no processo de ensino e aprendizagem.

A primeira obra a ser trabalhada, adaptada na linguagem das histórias em quadrinhos, foi O Quinze de Rachel de Queiroz, conforme os dados abaixo:

Obra: O Quinze

Autor(a): Rachel de Queiroz.

Roteiro e Arte: Francisco José de Souto Leite (Shiko).

Editora: Ática 88 páginas.

Data da publicação: 2012.

Imagem 1. Capa da obra utilizada.



Fonte: Editora Ática (1º Edição, 2019).

Quadro 1. Temas e atividades do livro O Quinze.

TEMAS	SUGESTÃO DE ATIVIDADES
Apresentação do livro, autores, criação e personagens: Chico Bento, Conceição e Vicente (protagonistas), localização temporal e espacial.	Painel com fotos da autora e sua biografia; Classificação das personagens da história; História fatiada; Uso do calendário
Localização do estado do Ceará (levantamento do histórico familiar – região de origem).	Atividade do mapa da região (localização espacial e temporal); Características do estado do Ceará; Imagens antes e depois e Quixadá; Construção de gráfico por região pelas famílias do seu local de origem.
O retirante (emigrante nordestino)	Entrevista com um imigrante (nome, onde morava, idade, ano de imigração e qual o motivo de ter vindo para a cidade grande); Levantamento dos locais de origem desses imigrantes; Identificar a diferença dos espaços (urbano e rural /grande e pequeno centro).
Pobreza e desigualdade social e preconceito	Vídeo “Vida Maria”.
Clima, fauna e vegetação do estado do Ceará	Experiência com a turma, criação de duas maquetes, uma que representa um terreno de clima seco e outro um terreno onde ocorrem chuvas, destacando as causas da seca nessas regiões; Vídeos educativos sobre a fauna e vegetação da caatinga; Aula com a professora e bióloga Richelly.

Desigualdade social fome e morte das pessoas por subnutrição	Discussão sobre as imagens da época da seca no Ceará em 1932; O que foram os campos de concentração Se algo acontecer... Te amo (curta metragem). (discussão em roda de conversa e criação de desenhos que representem o que a morte significa para cada criança).
Localização espacial, números, grandezas e medidas.	Localização dos estados brasileiros, nomes e tamanhos; Determinações de distancias; Divisões regionais; Construção de gráficos.
Papeis sociais da época (foco da mulher ser do lar e o homem trabalhar), igualdade e misoginia.	Os tipos de profissões exercidas pelos pais dos alunos; Levantamento das diferentes profissões exercidas pelas mulheres na nos- sa escola; Direitos das mulheres.
Relação de apadrinhamentos (relação de comadre e compadre “adoção informal” e a formal)	Escolha de padrinhos para a turma.

Fonte: dados da pesquisa.

Casson (2012) criou uma metodologia de proposta para o letramento literário, denominada de sequência básica. Essa sequência foi adequada e utilizada em sala de aula, pois suas etapas favoreceriam também o trabalho do letramento literário com as crianças pequenas na turma pesquisada.

Como primeira etapa da sequência básica de Casson (2012), temos a motivação, que é o momento de prepararmos as crianças para “receber” a obra. Foi a hora de envolver elas através do tema, estrutura e texto da obra. Como as crianças já gostavam da leitura em sala de aula, percebemos que elas já ficaram motivadas quando começaram a conversarem em grupos.

Na etapa seguinte, introdução, a partir da escolha do livro e da organização do material de leitura da primeira obra, apresentamos a obra física, explorando os elementos paratextuais, como capa, contra capa, o verso e quantidade páginas. Também apresentamos a autora, ano da obra, o seu resumo e o gênero textual quadrinhos. A respeito desse último, entendemos que as histórias em quadrinhos, por proporcionar diferentes formas de comunicação visual e verbal, podem proporcionar ao indivíduo diferentes maneiras de interação verbal e dialógica a partir de sua linguagem, o que a caracteriza, também, como um gênero do discurso (BAKHTIN, 2003).

No desenvolvimento das etapas seguintes, a etapa da leitura, da interpretação, produção e exposição, elas não estão separadas, mas interligadas, pois aconteceram simultaneamente durante as atividades realizadas com as crianças. Ressaltamos ainda que a ideia inicial dos temas a serem

abordados e atividades que seriam desenvolvidas, não forma definidas como fixas, conforme Casson (2012, p. 48), aborda, pois durante o desenvolvimento delas, a sequência didática foi ampliada, pois são fundamentais nesse processo “possibilidades de combinação que se multiplicam de acordo com os interesses, textos e contextos da comunidade de leitores”.

Conforme o Quadro I, pré-definimos alguns conteúdos e atividades que poderiam ser realizadas durante a leitura da obra para melhor assimilação pelas crianças. Não queríamos apenas ler por ler, não basta que as crianças tenham conhecimento literário, pois “pegar” a obra, apresentar, ler, falar quem é o autor, o ano, resumir sua narrativa, tudo isso é simples de ser feito, já que minha experiência em sala de aula com crianças me mostrou que se desde o início das aulas, já apresentarmos os livros às crianças, elas passam a conhecer bem suas partes e características básicas. Faço isso, desde o início do ano, pois tenho como uma das atividades diárias do meu trabalho, a contação de histórias. Mas queríamos desenvolver uma proposta que enfatizasse a experiência literária (SOUZA; COSSON). Por isso, essas atividades visavam “uma experiência de dar sentido ao mundo por meio das palavras que falam de palavras, transcendendo os limites do tempo e espaço”. (SOUZA; COSSON, 2011, p. 103).

A leitura da obra *O Quinze* foi iniciada em março de 2022 em sala de aula. Primeiramente apresentamos a obra e sua localização no tempo e espaço, para situar o leitor (no caso, a criança) acerca do contexto da obra. Para contextualizar melhor a história, aprofundamos os elementos paratextuais, começamos pela capa e formato do livro. É essencial assinalar que a obra utilizada estava no formato de uma história em quadrinhos. Optamos por fazer também uma cópia colorida, em formato A4, revestida de papel contate, de cada página da obra para que eles pudessem manuseá-la livremente. O formato do livro chamou bastante a atenção dos alunos, pois eles dissertam terem visto histórias em quadrinhos, ou popularmente conhecidas no Brasil como gibis, daquele jeito (se referiram a sequência das imagens em quadrinhos na história). Em sala de aula, vale destacar que eles, desde o início do ano letivo, já liam os gibis, pois a professora/pesquisadora da turma mantém um acervo pessoal deles a respeito de HQs e gosta de utilizá-los em sala, durante alguns momentos de sua aula.

Em um desses momentos, o aluno 7 observou que a “capa do livro mostrava um lugar feio, sem árvores e com pessoas tristes caminhando e parecia que eram muito pobres.” Pela fala do aluno percebemos como os HQs tem o potencial de representar a realidade e o cotidiano. Vergueiro corrobora essa afirmação ao dizer que:

Palavras e imagens, juntos, ensinam de forma mais eficiente – a interligação do texto com a imagem, existente nas histórias em quadrinhos, amplia a compreensão de conceitos de uma forma que qualquer um dos códigos, isoladamente, teria dificuldades para atingir. Na medida em que essa interligação texto/imagem ocorre

nos quadrinhos com uma dinâmica própria e complementar, representa muito mais do que o simples acréscimo de uma linguagem a outra – como acontece, por exemplo, nos livros ilustrados –, mas a criação de um novo nível de comunicação, que amplia a possibilidade de compreensão do conteúdo programático por parte dos alunos. (VERGUEIRO, 2014, p. 29).

Ou seja, as histórias em quadrinhos também proporcionam ao leitor realizar leitura de imagens, pois, a imagem parece significar mais quando associada ao texto (ARAÚJO; MIGUEL; SILVA, 2019), sendo importante para que a criança amplie ainda mais os seus processos de leitura e escrita. Com efeito, os elementos presentes nas histórias em quadrinhos e destacados durante a leitura de imagens realizada pela criança, podem chamar ainda mais a sua atenção para o conhecimento de elementos da escrita, desenhos entre outros presentes na história (MORAES; ARAÚJO, 2022).

Após essas primeiras discussões, iniciamos a leitura, feita pela professora/pesquisadora, de forma que fosse mais clara possível, apresentando as falas, tirando dúvidas sobre os termos apresentados na história que pudessem ser desconhecidos por eles, ou alguma imagem que necessitasse de melhor esclarecimento. Finalizamos esse primeiro momento com um trecho da Obra, que mostrava o desejo do personagem Chico Bento de mudar para outro local, em busca de melhores condições de vida.

Ao serem mencionadas as dificuldades em que as personagens se encontravam naquele lugar, a aluna 1 disse “que as pessoas acabam se mudando por esse motivo, quando a vida não tá boa elas vão embora. Isso é ser um imigrante”. Ou seja, ela já compreendeu que de acordo com a vida que levam (dificuldades financeiras, buscando vidas e trabalho melhor, entre outros motivos), as pessoas, muitas vezes precisam se mudar. No decorrer da aula, ficou decidido que as crianças levariam para casa uma atividade que seria uma entrevista, que elas deveriam realizar junto com a sua família, com uma pessoa que era imigrante. Nessa atividade, apresentamos e discutimos o gênero textual entrevista, qual era o objetivo e como eram as perguntas a serem feitas. Fizemos ainda, oralmente, exemplos de entrevista com os alunos da própria turma, com temas específicos como brincadeiras, brinquedos, comida e família.

Para melhor visualização e entendimento da história, ficou decidido que os alunos poderiam fazer o manuseio das partes lidas até o momento, de forma sequencial, o que é característica das histórias em quadrinhos. Dessa maneira, pudemos trabalhar a ordem das páginas e entender a importância de se manter uma sequência lógica na história, para sabermos como os fatos se desenvolvem. Nesse momento, observamos que as crianças observaram atentamente os quadros e suas sequências da Obra literária trabalhada, e detalhes como o olhar de um animal morto, uma imagem da mãe Inácia rezando de costas entre outras, não passaram despercebidas por eles. No

entanto, uma situação nos chamou a atenção: após ler várias páginas, o aluno 3 nos falou que “era a mesma imagem, que estava antes, mas vista de frente” (página 6 do livro), o que demonstra que o discente, a partir da sequência visual da história (texto verbal e não verbal), conseguiu entender que uma mesma imagem pode ser representada de diferentes ângulos de visão, mas devido as cores e posicionamento dela no quadrinho (enquadramento) mostrava ao leitor outro ângulo dela, o que confere maior dinamismo da história para o leitor, neste caso, para a criança.

Segundo Vergueiro (2009), na elaboração dos HQs os autores atentam para os planos e ângulos de visão, para representar melhor a intencionalidade de sentidos presentes em cada imagem, por isso a maneira com que cada uma delas é expressa na altura, na largura e nos planos são feitas intencionalmente pelo autor para atender a esse fim. Foi o que aconteceu com o aluno 3, ao se deparar com esse processo de leitura verbal e visual da Obra literária em quadrinhos.

A esse respeito, Vergueiro (2012), diz que nas histórias em quadrinhos a imagem desenhada é o elemento básico, com sua linguagem visual e icônica, sequenciada em quadros que trazem uma mensagem ao leitor e é este que dará dinamismo à história. Nesse sentido, o formato dos quadros e suas imagens, foram elementos que fixaram suas atenções, e que a falta da leitura escrita não prejudicou a construção de sentidos dados pelas crianças à história contada. Embora nas atividades desenvolvidas com a turma, não termos priorizado a aprendizagem da gramática, mas na compreensão do texto e a apropriação da palavra, objetivamos o desenvolvermos as funções psicológicas superiores, pois esse desenvolvimento já favorece a aprendizagem gramatical.

É necessário destacar que entendemos aqui aprendizagem na perspectiva de Vygotsky, ao defini-la não como desenvolvimento, pois a criança poderá aprender, mas não se desenvolver, no sentido de amadurecimento das suas funções psicológicas superiores. A aprendizagem seria um aspecto do desenvolvimento, ou seja, se a criança aprende, ela se desenvolve, uma vez que “o aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que a cercam.” (VYGOTSKY, 1984, p. 99).

Esse teórico corrobora ainda que:

Uma vez que as crianças aprendem a usar efetivamente a função planejadora de sua linguagem, o seu campo psicológico muda radicalmente. Uma visão do futuro é, agora, parte integrante de suas abordagens ao ambiente imediato [...] Assim, com a ajuda da fala, as crianças adquirem a capacidade de ser tanto sujeito como objeto de seu próprio comportamento. (VYGOTSKY, 1984, p. 29-31).

A citação acima é importante, pois ajuda a entender que é pela linguagem que a criança constrói seu processo de desenvolvimento, enraizado nas experiências e sua vivência social e individual. Essa relação dialógica será a base para a construção de todas as relações sociais dela. Por isso, durante toda a pesquisa priorizamos o uso da linguagem (neste caso, da verbal e visual)

pelas crianças. As atividades realizadas promoveram ricas experiências para dar sentido ao mundo por meio do texto literário, pois não queríamos que o aluno apenas lesse a escrita, mas que dela se apropriasse. Segundo Cândido (1995), criar uma forma humanizadora, por meio da literatura, relacionar o real por meio da ficção e o conhecimento por meio da palavra, é fundamental para que a criança avance no processo de ensino e aprendizagem.

Não estamos negando a necessidade de a criança saber ler e escrever, mas comungando dos estudos de Soares (2003) que afirma ser preciso que as crianças dominem significativamente as habilidades relacionadas à leitura e escrita, fazendo uso delas de maneira a incorporá-las em suas vivências e dominando suas competências. Essa aprendizagem é o letramento, que promove o saber, uma vez que “os eventos de letramento permitem a observação de uma situação particular em que a leitura e a escrita estão envolvidas”. (STREET, 2012, p. 75). Ou seja, se constituem em aprendizagens derivadas da escrita, que elas (as crianças) poderão fazer seu uso de forma concreta em diferentes contextos históricos, sociais e culturais, envolvendo outras linguagens nesse processo, como a visual, por exemplo. Assim, mesmo sem o pleno domínio da língua escrita, a partir da linguagem visual, a criança consegue ter domínio sobre os eventos sociais relacionados a ela, mesmo que ela não saiba decodificar os fonemas e grafemas.

Por outro lado, a utilização dos cartazes e outras imagens foram para que os alunos adentrassem ainda mais na obra, e fizessem sua própria análise literária contextualizando-a com sua realidade social. Já que na leitura da obra literária, não queríamos que o trabalho em sala de aula fosse limitador, pois se assim o fizéssemos “a análise literária [...] como um processo de comunicação, uma leitura que demanda respostas do leitor, que convida a penetrar na obra de diferentes maneiras, a explorá-la sob os mais variados aspectos”. (COSSON, 2012, p. 29), estaria comprometida, por isso, tanto o uso das imagens e o diálogo em sala de aula tinham como objetivo a inserção dos alunos na obra e sua construção de sentidos. Desse modo, deixamos que os próprios alunos a descobrissem e dela se apropriassem livremente.

Na aula seguinte, iniciamos com a socialização da atividade da entrevista com um imigrante, na qual teve a participação de todos os alunos. Ela foi muito significativa, tendo em vista que as pessoas entrevistadas era alguém da família e as crianças tiveram a oportunidade de entender melhor porque elas eram imigrantes e o que isso significava para elas.

A continuação da narrativa teve nesse dia como tema central da discussão a morte de um dos filhos do Chico Bento por envenenamento, conforme obra literária analisada. Pois nessa parte da história, o seu filho Josias, diante da fome extrema, come uma mandioca “braba”. Os alunos ficaram surpresos com as imagens, ao relatarem que “ele ficou azul, com a barriga grande, ele morreu de verdade professora?” (aluna 8). “Eu vou sonhar com o que vi.” (aluna 9). As crianças

ficaram mais impressionadas pelo fato de a personagem ter morrido de fome, para eles isso não acontecia ou deveria acontecer. Isso é importante, pois ressalta que as imagens presentes nos HQs causaram impacto e ao mesmo tempo fizeram com que elas produzissem seus próprios sentidos, ampliando seu pensamento lógico e a imaginação.

O caráter elíptico da linguagem quadrinhística obriga o leitor a pensar e imaginar – sendo uma narrativa com linguagem fixa, a constituição de uma história em quadrinhos implica na seleção de momentos-chave da história para utilização expressa na narrativa gráfica, deixando-se outros momentos a cargo da imaginação do leitor. Dessa forma, os estudantes, pela leitura de quadrinhos, são constantemente instados a exercitar o seu pensamento, complementando em sua mente os momentos que não foram expressos graficamente, dessa forma desenvolvendo o pensamento lógico. Além disso, as histórias em quadrinhos são especialmente úteis para exercícios de compreensão de leitura e como fontes para estimular os métodos de análise e síntese das mensagens. (VERGUEIRO, 2014, p. 31).

Nessa parte da história nos defrontamos com a morte de seres humanos, uma vez que a narrativa da obra nos levou ao tema morte, no momento em que o filho do personagem Chico Bento, Josias, morre envenenado, porque comeu uma mandioca “brava”. Assim, pela análise dessa história, as crianças perceberam que a morte do Josias estava diretamente ligada com a seca, uma vez que essa faz com que haja a falta de alimentos, levando o personagem (Chico) a comer um alimento que não deveria (ou por falta de conhecimento ou necessidade de sobrevivência). O alimento é essencial à vida, sem ele não há vida. Dito isso, como a fome pode causar desespero e nos levar a comer um alimento que causa morte (como aconteceu com esse personagem), esse tema foi muito discutido em sala pelas crianças, o que levou a professora da turma a deixarem todos bem à vontade para contarem as suas impressões dessa história. Entretanto, de modo geral, constatamos que eles não gostaram do que aconteceu (falecimento de um dos personagens), porque todos preferiam que o Josias continuasse vivo, o que mostra que a morte ainda causa muita estranheza (ou não aceitação) em quase todas as pessoas.

Não podemos limitar os conhecimentos às crianças, esconder deles fatos sociais ocorridos ou omitir deles tema por considerá-los ainda novos. Ao contrário, defendemos a ideia de que toda criança é capaz de compreender os assuntos de acordo com sua faixa etária. Por que não trabalhar “o susto”, em uma cena que nunca tinham visto ou que já viram, mas ainda não sabiam o que era. Como mencionado antes, as crianças vão além do que esperamos, são muito espertas e aprendem rápido.

A literatura nos ajuda a relacionarmos com os mais variados acontecimentos e temas da vida diária. Não há porque “esconder certos temas” por considerar que a criança ainda não está preparada psicologicamente para entendê-lo. A partir da experiência educacional com crianças

pequenas da professora/pesquisadora, notamos que elas têm capacidade para aprenderem muitas coisas, desde que sejam motivadas a querer aprender. Nesse sentido, precisamos entender que cada grupo escolar é heterogêneo e singular, por isso a percepção e sensibilidade do professor para lidar com determinados assuntos, são necessárias. Não há fórmulas prontas, mas as histórias são recursos pedagógicos fundamentais para abordar esses temas “pesados”. Dito isso, importa destacar que “os textos literários se tornam então uma ferramenta de aprendizagem individual para expressões no coletivo”. (ROJO, 2015, p. 117).

Ou seja, a aprendizagem é coletiva, mas sua construção e vivências são individuais, pois cada criança faz a assimilação do conteúdo diferente das demais, como no exemplo da narrativa na qual falamos da morte. Esse tema foi desenvolvido de forma mais suave deixando que cada criança se expressasse, ficando evidenciado em cada fala e ou expressão, as crenças e valores de cada uma, uma vez que não cabia nesse momento questionamentos sobre suas crenças, já que partimos da ideia de que a aprendizagem se constrói a partir da diversidade e interação com os demais colegas e professores.

A religiosidade está bem presente na vida das crianças, pois muitos falaram sobre a vida após a morte. Diante disto, por ser um tema que chamou a atenção deles, tivemos um momento de discussão sobre a leitura da parte em que o personagem Josias morre, como dito acima. Daí, as crianças começaram a expressar suas percepções acerca da morte e algumas começaram a falar sobre o que acontecia após a morte e o que poderia ter acontecido com o personagem Josias. Alguns como a aluna 20 relatou que “Ele está em um lugar feliz”. Diante disto, decidimos que cada um poderia fazer um desenho sobre o que tem no céu, já que todos disseram que ao morremos iremos para o céu. Ao finalizarem essa atividade, eles expuseram seus desenhos aos demais colegas e fizeram as suas explicações. Em seguida, relataram as suas percepções acerca da atividade realizada:

“Computador, Jesus e o cachorro da minha tia”. (aluno 2)

“Minha bisã, que era nova, ficou velha e morreu doente. O céu é alegre porque tem estrelas e minha bisã.” (aluna 8)

“Jesus, as pessoas que já morreram. O céu fica acima de nós.” (aluno 12)

“Nuvens, Deus e a Marília Mendonça.” (aluna 13)

“a Marília Mendonça, ela está cantando lá no céu”. (aluna 11)

“Pessoas que morreram, está acima de nós”. (aluno 14)

“A avó Raimunda, a tia, lá é alegre porque tem Jesus e as pessoas que já morreram. As cruzes são uma para cada pessoa que morreu, minha vó e minha tia.” (aluno 7)

“Pessoas, Deus e a mamãe de Deus. É alegre, lá tem coisas que gostamos, árvores, sol, chuva e casa”. (aluno 15)

“Sol e o gato que morreu”. (aluno 4)

“Jesus, anjos, está acima de nós, tem pássaros que já morreram”. (aluna 16)

- “O meu avô, que fumava, a tia que morreu de acidente e a Karol. É alegre porque lá acontece coisas boas igual aqui na terra”. (aluno 10)
- “pessoas que morreram, lá é triste, porque só tem pessoas que morreram. Mas quando morrermos vamos ficar juntos com elas”. (aluna 17)
- “lá é um lugar feliz”. (aluna 18)
- “Deus, meu avô que está alegre e já morreu. Lá a pessoa sente fome, por isso o menino está chorando”. (aluna 19):
- “Um lugar alegre e que tem um arco íris”. (aluna 20)
- “Jesus, um céu azul, nuvens e sol”. (aluna 5)
- “O céu é branco, tem sol, mas não tem ninguém”. (aluna 21)
- “A minha bisavó e lá é alegre”. (aluna 9)

É recorrente na maioria das falas das crianças acerca da obra, o tema religiosidade, por isso, a professora/pesquisadora resolveu trabalhar esse tema diante das inúmeras falas das crianças permeadas com esse sentido. A obra em HQ se tornou o ponto de partida para tais discussões, já que preferimos explorar melhor o assunto, pois as crianças falavam dele de forma muito natural, e sendo um tema que faz parte da cultura de cada aluno, as HQs com sua linguagem visual e verbal, por meio das imagens, têm esse poder de nos ajudar a explorar diferentes assuntos com as crianças, de maneira mais suave, como na atividade de desenhos (abaixo), porém, não menos significativa, pois:

Os quadrinhos podem ser utilizados em qualquer nível escolar e com qualquer tema – não existe qualquer barreira para o aproveitamento das histórias em quadrinhos nos anos escolares iniciais e tampouco para sua utilização em séries mais avançadas, mesmo em nível universitário. A grande variedade de títulos, temas e histórias existentes permite que qualquer professor possa identificar materiais apropriados para sua classe de alunos, sejam de qualquer nível ou faixa etária, seja qual for o assunto que deseje desenvolver com eles. (VERGUEIRO, 2014, p. 32).

Em outro momento da pesquisa, o enfoque foi a desigualdade social e a fome, pois o personagem Chico Bento, diante da fome de sua família, mata uma cabra que não lhe pertence, o dono do animal o afugenta e diante de suas súplicas pelo alimento, aquele lhe dá apenas as vísceras do animal, que ele e sua família comem apenas com sal, assada no fogo e sem limpeza adequada.

Essa cena chamou a atenção das crianças, como do aluno 10: “Que coisa nojenta, eu não comeria”. Outro momento que chamou a atenção da turma foi a imagem da personagem Cordulina, que estava cansada, fraca, na qual o Chico Bento, em seus delírios de fome, vê nela a imagem da morte. Sobre isso, a aluna 5 comentou que “ela estava parecida com uma morte, deve ser por causa da fome, professora”.

Nessas análises, é importante mencionarmos que os novos estudos de letramento se desenvolveram em torno das relações de diferentes grupos com os eventos sociais de escrita, sendo estas práticas de letramento em grupos mais específicos, como grupo de camadas populares. Diante disto, Kleiman (2004) menciona que os efeitos do letramento estariam conectados com práticas sociais de diversos grupos e seu uso com a escrita, abandonando a ideia de um letramento universal.

Isso levaria a uma gama de práticas de letramento que envolve grupos em suas ações sociais e históricas específicas, contribuindo para o surgimento dos multiletramentos, nas quais as linguagens visuais se evidenciariam.

Kleiman (2008) ainda defende que os multiletramentos proporcionam uma maior capacidade do homem ler e interpretar as linguagens visuais. Esse tipo de leitura se torna mais atrativo, principalmente para as crianças, e na medida em que elas desenvolvem sua percepção e inteligência visual, sua capacidade de entendimento das imagens se amplia, fazendo com que ela seja capaz de realizar mais e melhores inferências, expandindo ainda esse conhecimento para além das imagens.

Isso nos conduz a dizer que jamais podemos tratar nossos alunos como incapazes ou sem conhecimento, uma vez que os saberes socialmente construídos, sem estarem descontextualizados da realidade da criança. Nesse sentido, a obra literária em quadrinhos pode ajudar nessa contextualização, ao mostrar a partir de desenhos diferentes realidades que podem ser compreendidas pela criança, desde que o professor saiba trabalhar essas imagens (no caso, a história) na educação infantil.

Ademais, o letramento deve ser uma prática social dos sujeitos em torno da leitura e escrita, visto que essas práticas sociais são diversas e variam no tempo e no espaço. Não podem ser únicas e nem determinadas, pois acontecem na relação entre cada sujeito e o seu meio social.

A função do letramento é levar cada sujeito a agir livre e consciente no mundo. A esse respeito, Stefanello (2017, p. 2723) diz que “as chamadas práticas de letramento, são, na verdade, práticas discursivas que determinam a produção e a interpretação de textos dentro de determinados contextos”. Essa afirmação ajuda a entender que há uma interdependência entre o contexto e a prática, pois como as práticas se materializam de acordo com o contexto, são carregadas de ideologias, no caso da escola, pela ideologia dominante, portanto, jamais serão neutras. Por isso: “[...] não se deve enxergar os discentes como membros vazios e não pertencentes a uma sociedade, uma vez que suas experiências de vida são compostas de uma série de eventos de letramento que emanam de significados a serem manifestados”. (STEFANELLO, 2017, p. 2723)

A obra analisada foi muito importante para que as crianças conhecessem e aprendessem sobre a região nordeste e o estado do Ceará. Por meio das imagens e da entrevista como professor 1 elas puderam vivenciar um pouco de diversos aspectos desses lugares, assim como na entrevista, na qual elas conheceram melhor o vocabulário falado por uma pessoa do Ceará, com seu sotaque, suas histórias da região cearense e seu modo de vida. Além claro, de ouvirem e sentirem a literatura de cordel, lida pelo professor 1, e as músicas que ouviram, como a Asa Banca, de Luiz Gonzaga. O interessante é que em nenhum momento eles menosprezaram esses novos saberes, ao contrário, queriam sempre conhecer mais. Isso acontece porque a leitura dos HQs pode tornar o conhecimento

de diferentes assuntos da realidade humana mais significativa e acessível, independente do público a qual é destinada.

Os quadrinhos têm um caráter globalizador – por serem veiculadas no mundo inteiro, as revistas de histórias em quadrinhos trazem normalmente temáticas que têm condições de ser compreendidas por qualquer estudante, sem necessidade de um conhecimento anterior específico ou familiaridade com o tema, seja ela devida a antecedentes culturais, étnicos, linguísticos ou sociais. Uma história que se passe na sociedade japonesa pode, de uma maneira geral, ter sua mensagem principal compreendida por leitores de outros lugares. (VERGUEIRO, 2014, p. 31).

As HQs não são utilizadas apenas por serem, de certa forma visual, mais atrativas, mas poder terem a capacidade de serem exploradas por diferentes áreas. Ao falarmos da região nordeste e do Ceará, por exemplo, podemos relacionar a HQ com a disciplina de geografia, por trazer via imagens formas de representar um cenário de um determinado contexto geográfico. A esse respeito, Vergueiro (2014, p. 118) explica melhor essa correlação das HQs com diferentes áreas: “além de explorar os temas específicos tratados nas histórias, é possível também trabalhar com a linguagem dos quadrinhos para ensinar alguns conceitos da Geografia, tais como representação do espaço, escala, visão vertical e oblíqua”. Essa parte ficou muito clara quando utilizamos o mapa do Brasil e os alunos aprenderam sobre os mais variados temas. Isso nos proporcionou, enquanto professores e pesquisadores, a irmos muito além da simples localização geográfica. O autor vai adiante e cita que as HQs:

Podem ser utilizadas tanto como reforço a pontos específicos do programa como para propiciar exemplos de aplicação dos conceitos teóricos desenvolvidos em aula. Histórias de ficção científica, por exemplo, possibilitam as mais variadas informações no campo da física, tecnologia, engenharia, arquitetura, química etc., que são muito mais facilmente assimiláveis quando na linguagem das histórias em quadrinhos. Mais ainda, essas informações são absorvidas na própria linguagem dos estudantes, muitas vezes dispensando demoradas e tediosas explicações por parte dos professores. (VERGUEIRO, 2014, p. 29).

Outra associação que fizeram da história para as suas realidades foi a chuva com a religiosidade, pois usaram muito o termo milagre e Deus, embora durante as leituras e discussões a professora não fizesse nenhuma alusão à religião específica, o que evidencia, nesses dados, que a religiosidade está presente em suas vidas.

Um outro ponto que destacamos após a conclusão da leitura do livro foram os multiletramentos. Acerca disso, Rojo (2009) diz que o ensino deve objetivar o desenvolvimento de diferentes práticas de letramento, a partir da leitura das HQs e das atividades desenvolvidas. Isso é relevante para a ampliação do conhecimento de mundo, assim como para o entendimento das

diferentes leituras visuais, estéticas, artísticas e verbais, por exemplo. Essas aprendizagens são oriundas do letramento literário, que foi concretizado pelos eventos de letramento desenvolvidos durante a pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades relacionadas com a obra clássica *O Quinze* nos proporcionaram compreender que os processos de alfabetização, letramento e formação de leitores pode ocorrer de forma eficiente com alunos do 1º Ano do Ensino Fundamental, desde que a transposição didática seja planejada, pensada e ensinada para esse grupo escolar específico. A escolha dessa obra em história em quadrinhos foi fundamental para que os temas fossem desenvolvidos e que as crianças se mostrassem mais interessadas na leitura das obras e, conseqüentemente, entender aspectos culturais e sociais presentes nessas histórias, via transposição didática.

Além disso, os dados revelam ainda que a alfabetização esteve presente em todas as atividades durante a pesquisa, pois, entendemos que para que haja um processo de alfabetização mais significativo, primeiramente a criança precisa conhecer os elementos que envolvem a leitura e escrita, ir além do conhecimento dos grafemas e fonemas e dominar os seus eventos sociais. Sendo assim, a oralidade foi o ponto mais enfatizado na alfabetização, pois ela garante à criança a capacidade de, no momento do contato com a língua formal, ela assimilar os seus múltiplos significados de forma mais eficiente.

A pesquisa evidenciou também que o processo de letramento foi bem percebido durante a realização das atividades. As observações diante do envolvimento dos alunos, a participação através da oralidade nas discussões em sala e expressões artísticas, como os desenhos, mostraram que os alunos apresentaram um bom nível de letramento ao final da pesquisa. Esse processo foi significativo para que as crianças ampliassem o seu conhecimento de mundo, visto que as suas vivências foram integradas com as atividades, garantindo assim que elas construíssem novos conhecimentos.

O gosto e o interesse pela leitura também se ampliou, pois já eram alunos que tinham a prática da leitura diária em sala de aula, mas que estavam tendo contato com a literatura clássica pela primeira vez. Assim, as obras despertaram o interesse deles pela leitura, de forma que os alunos ao término da pesquisa já possuem uma boa base para sua formação leitora.

Com o desenvolvimento das atividades as crianças ampliaram sua consciência fonológica, o conhecimento da língua formal, conhecimento de diversos gêneros discursivos, expressão do pensamento através da linguagem oral e artística, ou seja, todas essas aprendizagens estão

relacionadas com o processo de alfabetização. Ademais, a pesquisa garantiu às crianças o desenvolvimento de habilidades que envolvem os processos de leitura e escrita.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M. E. D. A.; LÜDKE, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2. ed. Rio de Janeiro: E. P. U., 2013.
- ARAÚJO G. C.; MIGUEL, J. C.; SILVA, E. M. The aesthetical literacy in the consolidation of reading and writing of young and adult peasants. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 15, n. 35, p. 246-272, 2019. <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v15i35.5703>
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. Trad. P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARTOLOMÉ, M; A COSTA, A. Articulación de la educación popular con la educación formal. Investigación participativa. **Revista de Investigación Educativa**, v. 20, n. 2, p. 151-178, 1992.
- BROUGÈRE, G. Lúdico e educação: novas perspectivas. **Linhas Críticas**, [S. l.], v. 8, n. 14, p. 5-20, 2002. <https://doi.org/10.26512/lc.v8i14.2985>.
- CANDIDO, A. **O direito à literatura**. In: _____. **Vários Escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul. São Paulo: Duas Cidades, 2011.
- CHEVALLARD, Y. **La transpositiondidactique: dusavoirsavantausavoirensigné**. Paris: La PenseeSauvage, 1991.
- COSSON, R. Letramento Literário: uma localização necessária. **Letras & Letras**. v. 31, n. 3 jul./dez. 2015. <https://doi.org/10.14393/LL63-v31n3a2015-11>
- COSSON, R. **Letramento Literário: teoria e prática**. 2ª ed. 2ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 2012.
- HUIZINGA, J. **Homo Ludens: O jogo como elemento de cultura**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.
- KLEIMAN, A. B. Introdução: O que é letramento? Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In KLEIMAN, A. B. (Org.). **Os significados do letramento**. São Paulo: Mercado de Letras, 2004
- KLEIMAN, A. B. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. 10ª ed. Mercado das letras: São Paulo, 2008.
- MORAES, R. C. B.; ARAÚJO, G. C. Produção científica sobre história em quadrinhos na Scielo (1997-2020): o que dizem as pesquisas. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, [S. l.], v. 4, p. e46763, 2022. <https://doi.org/10.47149/pemo.v.4.6763>.
- SOARES, M. Letramento e Escolarização. In: **Pedagogia Cidadã: Cadernos de Formação – alfabetização**. São Paulo: UNESP, 2003.
- SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOUZA, R.J.; COSSON, R. Letramento literário: uma proposta para a sala de aula. **Caderno de Formação**: formação de professores, didática de conteúdos. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 101 -107.

STREET, B. Eventos e práticas de letramento: teoria e prática nos novos estudos de letramento. In: MAGALHÃES, I (Org.). **Discursos e práticas de letramento**: pesquisa etnográfica e formação de professores. Campinas, SP: Mercado de letras, 2012.

VERGUEIRO, W.; RAMOS, P. Os quadrinhos (oficialmente) na escola: dos PCN ao PNBE. In: VERGUEIRO, W.; RAMOS, P. (Orgs.). **Quadrinhos na educação**: da rejeição à prática. São Paulo: Contexto, 2009, p. 11-59.

VERGUEIRO, W. et al. (Orgs.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2012.

VERGUEIRO, W. A linguagem dos quadrinhos: uma “alfabetização” necessária. In: RAMA, A.; VERGUEIRO, W. (Orgs.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

VYGOTSKY, L. S. **Formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes. 1984.